

8 de Junho de 2004

Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa

2001

TERRITÓRIO (SUB)URBANO QUALIFICADO ALARGA-SE NA AML

Estudo com base nos dados dos Censos 2001 subdivide o território da Área Metropolitana de Lisboa (AML) em seis classes sócio-económicas representativas da realidade metropolitana: *urbano consolidado*, *(sub)urbano qualificado*, *suburbano novo*, *(sub)urbano desqualificado*, *rural* e *precário*. Estas designações têm um vínculo territorial sem esquecer as características populacionais e habitacionais.

A análise dos processos de transformação sócio-económica do território da AML, entre 1991 e 2001, coloca em evidência a transformação deste espaço, traduzida numa expansão de fenómenos de suburbanização e, paralelamente, de qualificação metropolitana.

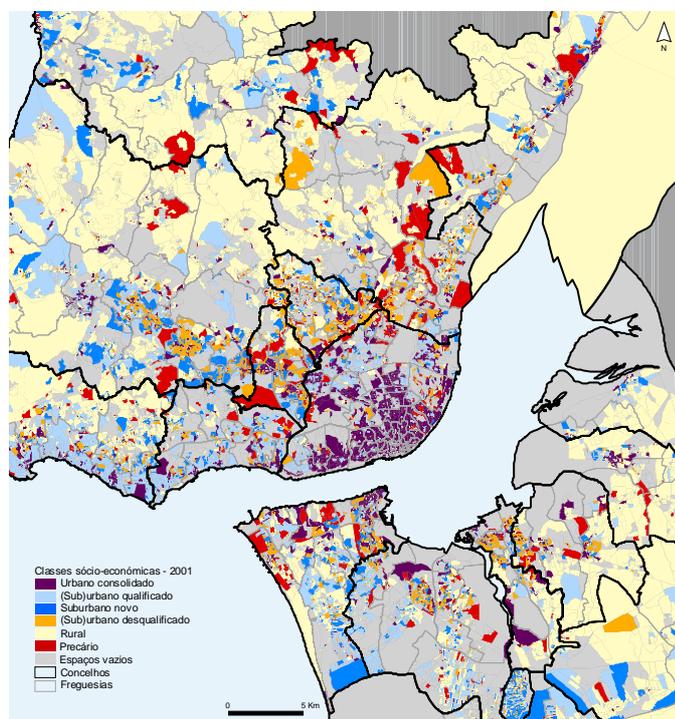
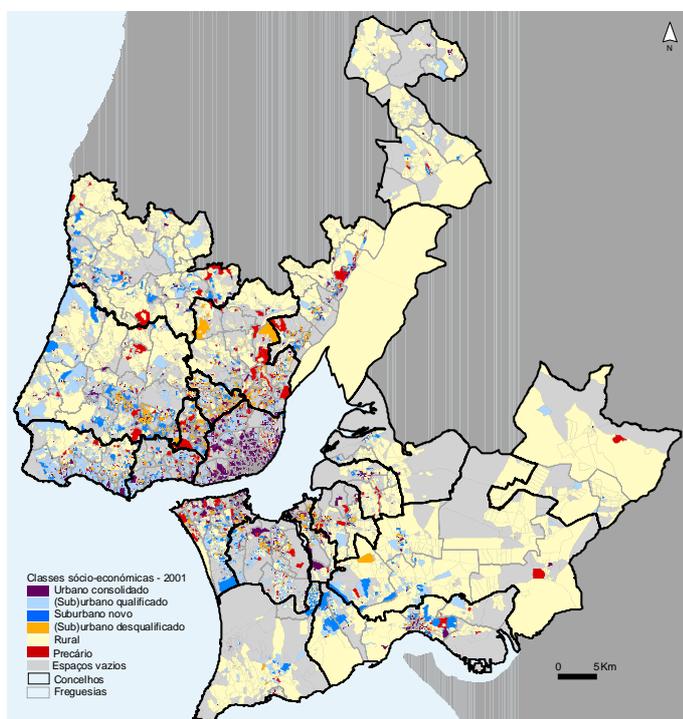
Disseminou-se a qualificação (sub)urbana...

A tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa, em 2001, revela um território metropolitano extremamente fragmentado, onde coexistem em áreas de proximidade, características da população residente e do parque habitacional contrastantes. Nos eixos de expansão suburbana associados às vias de comunicação rodovia e ferroviárias ('linha de Sintra', nos eixos Odivelas-V.F.Xira e Almada-Montijo) encontram-se, lado a lado, áreas heterogéneas do ponto de vista sócio-urbanístico:

- espaços *urbanos consolidados*, que correspondem em larga medida aos núcleos urbanos antigos que constituíram as âncoras da fase inicial de expansão suburbana centrada em Lisboa;
- áreas *(sub)urbanas desqualificadas* e bolsas de *precário*, que surgiram na década de 60/70 como resposta à migração, quer das populações rurais, quer das provenientes das ex-colónias, e que integram bairros de auto-construção, urbanizações privadas legais mas com fraca qualidade urbanística, mas também respostas públicas sob a forma de habitação social;
- áreas *suburbanas novas* e *suburbanas qualificadas*, que evidenciam a continuidade deste processo de expansão urbana, agora associado a melhores níveis de conforto habitacionais.

O eixo suburbano Oeiras-Cascais destaca-se pela incidência da classe *(sub)urbano qualificado*, existindo, todavia, uma clara oposição Sul-Norte que opõe os núcleos antigos e o grosso do *qualificado* a espaços *desqualificados*, *precários* e, no caso do concelho de Cascais, a espaços *rurais*. No concelho de Oeiras, as áreas contíguas a Lisboa apresentam pressões demográficas e urbanísticas semelhantes às dos concelhos de Amadora ou Odivelas, incluindo-se aqui áreas pontuais de auto-construção e respostas públicas no campo da habitação social, identificáveis pela forte incidência de *precário*.

Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa, 2001



Características mais marcantes das classes sócio-económicas, 2001

Urbano consolidado	(Sub)urbano qualificado	Suburbano novo	(Sub)urbano desqualificado	Rural	Precário
+ Idade média dos edifícios	+ Habilitação académica média	+ População que vive do trabalho	+ Tempo médio das deslocações	+ Profissões socialmente desvalorizadas	+ Famílias c/ 5 ou + pessoas
+ Idade média dos residentes	+ Alojamentos sublotados	+ Pop. que 5 anos antes não residia no concelho	+ Trabalho/estudo no concelho	+ Alojamentos do próprio s/ encargos	+ Casados sem registo
+ Famílias unipessoais	+ Utilização automóvel nas deslocações	+ Utilização automóvel nas deslocações	+ Edifícios c/ 7 ou + alojamentos	- Famílias unipessoais	+ Estrangeiros
+ Alojamentos arrendados	+ Alojamentos c/ aquecimento	+ Trabalho/estudo no concelho	+ Diversificação social	- Trabalho/estudo no concelho	+ Alojamentos precários
+ Terciarização do emprego dos residentes	+ Terciarização do emprego dos residentes	+ Edifícios c/ 7 ou + alojamentos	+ Núcleos familiares de casais c/ filhos	- Pop. que 5 anos antes não residia no concelho	+ Profissões socialmente desvalorizadas
+ Alojamentos do próprio s/ encargos	+ Alojamentos do próprio s/ encargos	+ Núcleos familiares de casais c/ filhos	- Famílias unipessoais	- Edifícios não exclusivamente residenciais	+ Alojamentos arrendados
- Utilização automóvel nas deslocações	- Casados sem registo	- Alojamentos arrendados	- Alojamentos c/ aquecimento	- Tempo médio das deslocações	- Habilitação académica média
- Trabalho/estudo no concelho	- Alojamentos arrendados	- Idade média dos edifícios	- Alojamentos do próprio s/ encargos	- Habilitação académica média	- Utilização automóvel nas deslocações
- População que vive do trabalho	- Diversificação social	- Alojamentos do próprio s/ encargos	- Utilização automóvel nas deslocações	- Edifícios c/ 7 ou + alojamentos	- Alojamentos sublotados
- Núcleos familiares de casais c/ filhos	- Profissões socialmente desvalorizadas	- Idade média dos residentes	- Alojamentos sublotados	- Terciarização no emprego dos residentes	- Alojamentos c/ aquecimento

Os centros urbanos mais importantes - Lisboa e Setúbal - semelhantes no *continuum* de *urbano consolidado*, apresentam dissemelhanças evidentes na estrutura sócio-económica dos espaços circundantes. Enquanto em Lisboa (áreas limítrofes do concelho e freguesias periféricas) as áreas *desqualificadas* e *precárias* coexistem com

espaços *qualificados*, em Setúbal, são sobretudo as áreas de expansão da cidade sob a forma de *suburbano novo* que se evidenciam.

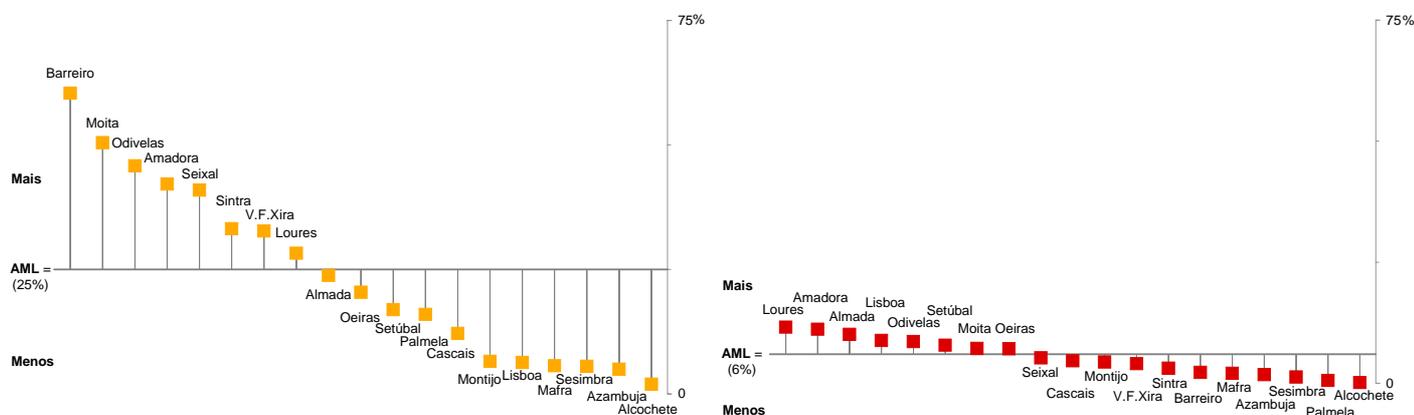
Os territórios periféricos da Área Metropolitana de Lisboa e os espaços que intermedeiam o tecido (sub)urbano destacam-se pela incidência do *suburbano qualificado* e do *suburbano novo*, designadamente:

- na faixa costeira dos concelhos de Sintra e Mafra e no eixo Ericeira-Mafra-Malveira, apontando para o alargamento dos fenómenos de suburbanização, distintos dos encontrados na primeira coroa suburbana, nomeadamente pela componente de valorização ambiental que parecem comportar;
- no extremo Sul do concelho de Almada e no concelho de Sesimbra, pela proximidade à linha de costa e numa lógica de transformação da ocupação tradicional daqueles territórios (de segundas residências para residências de uso habitual);
- na mancha a Sul da coroa Almada-Montijo e a Noroeste de Setúbal, correspondendo a fenómenos de urbanização intensiva centrada em Lisboa, e em menor escala na cidade de Setúbal, associados ao paradigma distância-tempo/qualidade ambiental que caracteriza estes territórios periféricos.

...Mas as áreas desqualificadas ainda concentravam quase um terço da população residente na AML

Em 2001, 25% da população da AML habitava áreas *(sub)urbanas desqualificadas* e 6% residia em áreas *precárias*. O facto destas classes associarem um parque habitacional de características débeis a uma população desfavorecida, aponta para a incidência de trajectórias de exclusão social das populações e, especificamente no caso do *precário*, da marginalidade destas áreas, quando confrontados com os processos de valorização do restante território metropolitano. Os concelhos da primeira coroa suburbana são os que mais população têm na classe do *(sub)urbano desqualificado*: Barreiro (60%), Moita (50%) e Odivelas, Amadora e Seixal, com mais de 40%, mas também apresentam percentagens de população elevadas nas áreas *precárias*: Loures (12%), Amadora (11%) e Almada (10%).

Importância relativa (em termos populacionais) do *(Sub)urbano desqualificado* e do *Precário* por concelho, 2001

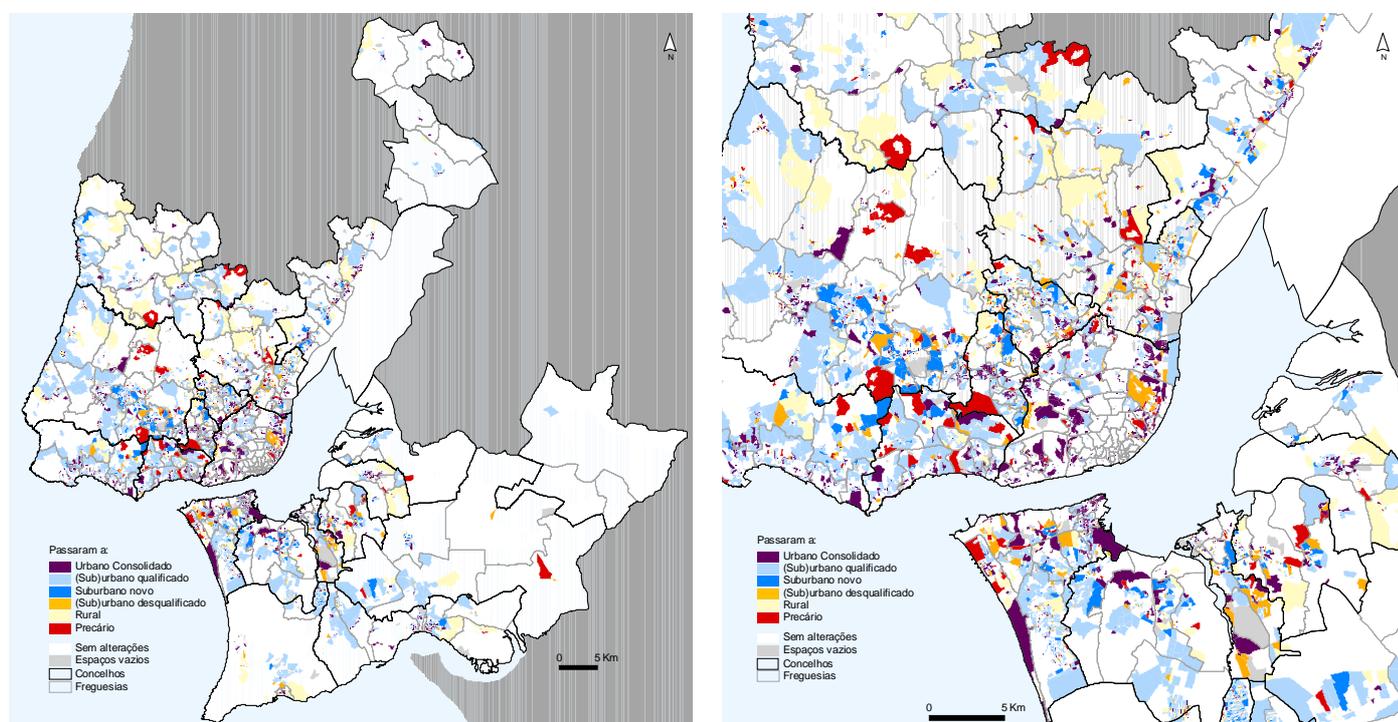


Mutação sócio-económica, entre 1991 e 2001, atinge mais de um terço do território metropolitano

Em 2001, mais de metade das unidades territoriais analisadas, correspondendo a um terço da área e onde residiam 1,2 milhões de pessoas (cerca de 45% da população residente na AML, em 2001), apresentam características sócio-económicas significativamente distintas das observadas 10 anos antes. As classes com características mais estáveis – *rural* e *urbano consolidado* – exibem, contudo, dinâmicas evolutivas contrárias:

- um espaço *rural* ainda presente mas já muito invadido;
- um espaço *urbano consolidado* em crescimento.

Unidades territoriais que mudaram de classe, entre 1991 e 2001



A reconfiguração do espaço metropolitano, palco de grandes transformações habitacionais e populacionais, é indissociável da forte expansão da rede viária e ferroviária ocorrida na última década, que aproxima o quotidiano de Lisboa a espaços periféricos e tradicionalmente rurais. A expansão de (*sub*)urbano *qualificado* verifica-se sobretudo:

- em áreas tradicionalmente suburbanas, demonstrando um processo de revitalização, quer por alterações ao nível sócio-económico das populações, quer por alterações verificadas no espaço construído;
- em territórios mais periféricos, pondo em evidência novos processos de expansão do parque habitacional, sustentados pela valorização da qualidade ambiental e por novos contextos de distância-tempo (possíveis pela expansão da rede viária) em detrimento das vantagens associadas à proximidade física ao centro (Lisboa).

- no concelho de Lisboa, designadamente na área oriental, associada à requalificação urbanística no espaço de intervenção da Expo 98; nas freguesias a Norte, com a densificação do espaço construído com empreendimentos de qualidade; e por fim, em micro-áreas do centro, apontando para novas dimensões de revalorização do centro tradicional.

A incidência da expansão do *suburbano novo* (classe constituída por população mais jovem) mantém-se na geografia do espaço suburbano tradicional, e faz-se fundamentalmente pela densificação da estrutura urbana existente, apesar de comportar dinâmicas de revitalização, interpretáveis na diluição de espaços classificados em 1991 como *precário* ou *(sub)urbano desqualificado*. No entanto, apesar das perdas populacionais destas classes mais críticas, surgem novas áreas, entre 1991 e 2001, que mantêm em larga medida a mesma geografia do suburbano tradicional e alertam para a necessidade de uma intervenção integrada de base territorial.

Com a "Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa em 2001" pretende-se identificar grupos de unidades territoriais que partilhem as mesmas características em termos sociais e económicos e sejam, simultaneamente, dissemelhantes entre si. Esta tipologia¹ permite compreender as dinâmicas territoriais de forma sintética, traduzindo a complexidade sócio-económica do território metropolitano numa realidade interpretável. Aos perfis encontrados correspondem determinados espaços geográficos, sendo possível, desta forma, associar uma tipologia classificatória a uma tipologia espacial, consubstanciada na detecção visual de áreas homogéneas.

Apenas uma operação estatística como o Recenseamento Geral da População e da Habitação pode proporcionar um conjunto de informação suficientemente abrangente para servir, por si só, para uma caracterização sócio-económica como a que é aqui proposta, à mais fina desagregação territorial, equiparável ao quarteirão em espaço urbano.

Para além de ser possível obter uma fotografia macroscópica do mosaico sócio-económico da Área Metropolitana de Lisboa para 2001, esta análise contempla, ainda, a dinâmica evolutiva desses territórios, entre 1991 e 2001, ou seja, os principais processos de reconfiguração espacial do território metropolitano.

Esta publicação apresenta-se extremamente rica em mapas temáticos, numa clara opção pela representação cartográfica como instrumento privilegiado de interpretação do território. As reflexões sobre os resultados fornecem, sobretudo, uma perspectiva integrada do espaço metropolitano (sendo dada a primazia à leitura dos fenómenos no seu conjunto), mais do que uma visão excessivamente fragmentada das características sócio-económicas, que tenderá a ser realizada pelos actores económico-sociais com interesse em territórios específicos.

Paralelamente será editado um CD-ROM que, para além de abarcar o conteúdo da publicação, inclui um instrumento de análise dos mapas temáticos que permitirá ao utilizador uma apreciação mais detalhada e pormenorizada de áreas específicas do território.

¹ Tipologia: Estudo dos traços característicos de um conjunto de dados e determinação dos seus tipos ou sistemas.

